

Prospetiva Estratégica

Teoria, Métodos e Casos Reais

JOSÉ SARAGOÇA
CARLOS ALBERTO DA SILVA
JOAQUIM FIALHO
(coordenação)

EDIÇÕES SÍLABO

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio, **NOMEADAMENTE FOTOCÓPIA**, esta obra. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor.

Visite a Sílabo na rede

www.silabo.pt

Editor: Manuel Robalo

FICHA TÉCNICA:

Título: prospetiva Estratégica – Teoria, Métodos e Casos Reais

Autores: Vários

© Edições Sílabo, Lda.

Capa: Pedro Mota

1ª Edição, 1ª Impressão – Lisboa, dezembro de 2016

1ª Edição, 2ª Impressão – Lisboa, setembro de 2017

Impressão e acabamentos:

Depósito Legal: 403230/15

ISBN: 978-972-618-874-2

EDIÇÕES SÍLABO, LDA.

R. Cidade de Manchester, 2

1170-100 Lisboa

Tel.: 218130345

Fax: 218166719

e-mail: silabo@silabo.pt

www.silabo.pt

Capítulo 1

**Contributo para o conhecimento
dos métodos e técnicas
utilizados na prospetiva**

Marcos Olímpio Gomes dos Santos

José Saragoça

1. Introdução

Neste texto, em que mapeamos muitos dos métodos da prospetiva, dá-se primazia à sistematização de métodos e técnicas utilizados na elaboração de cenários, porque são geralmente uma das ferramentas mais conhecidas nos estudos sobre o futuro, e será, na opinião dos autores deste texto, uma das mais suscetíveis de interessar aos leitores. No entanto, procede-se antes à explicitação dos métodos e técnicas utilizados na prospetiva, o que de acordo com alguns autores vai para além do Método dos Cenários.

Os resultados da pesquisa são apresentados através dos seguintes pontos: *i)* A prospetiva, breve historial, correntes e escolas; *ii)* Os métodos e técnicas utilizados na elaboração de cenários, *iii)* Conclusões e considerações finais.

A metodologia seguida consistiu numa análise bibliográfica norteada pelos seguintes conceitos fundamentais: Prospetiva, Métodos e Técnicas, Cenários. A pesquisa foi essencialmente realizada na Internet, tendo os textos recolhidos sido fichados de acordo com os tópicos selecionados para estruturar este artigo, e o conteúdo de cada um desses textos analisados de acordo com os objetivos que se pretende atingir.

2. A prospetiva, breve historial, correntes e escolas

Sabe-se hoje que o anseio de conhecer o futuro começou com os primórdios da humanidade e, na procura por tal conhecimento, os seres humanos buscavam essas informações com objetivo de minimizar o risco de suas decisões.

Autores como Marcial & Grumbach (2002, 2006) e Schenatto *et al.* (2011) referem que na própria Bíblia, há diversos excertos que atestam a preocupação no conhecimento sobre o futuro, relatadas por parte de profetas e apóstolos em seus escritos incluídos no Antigo e no Novo Testamento. Também os sacerdotes do antigo Egito, bem como os oráculos da Grécia, procuravam produzir algum tipo de previsão sobre uma circunstância futura qualquer (entre as quais pela sua importância, as que respeitavam por exemplo a colheitas, guerras, decisões de reis e imperadores). Já na Idade Média esta preocupação manteve-se com magos, bruxos e alquimistas a conceberem as suas previsões sobre o futuro através de profecias e especulações.

Porém, com início nos séculos XV e XVI do movimento designado por Renascimento, que emergiu na Itália e se expandiu pela Europa, teve lugar a tentativa de utilização da ciência para visualizar o futuro.

Mais tarde, no século XVIII, o astrónomo, filósofo e matemático francês Pierre Maupertuis (1698-1759), ao escrever sua obra «Cartas sobre o progresso da ciência», destacou a importância do progresso tecnológico não só para o conhecimento do passado como também para a melhoria de previsões sobre o futuro.

Já no século XIX, com a expansão dos ideais da revolução francesa, o avanço do conhecimento associado à revolução industrial na Inglaterra e o surgimento do pensamento racionalista-mecanicista sustentado nas filosofias de Descartes, Locke, Espinosa e Newton, as previsões e predições como praticadas no passado entram em declínio (Moritz & Pereira, 2005).

Porém, no início do Século XX ocorre o relançamento do interesse pelo futuro, nomeadamente com a obra de ficção científica que vinha sendo publicada pelo romancista e ensaísta inglês Herbert George Wells, autor que acreditava no progresso inevitável da humanidade através da ciência, e que previu alguns avanços tecnológicos e a ascensão dos Estados Unidos, do Japão e da Rússia no cenário internacional.

Após um eclipse devido, em parte, à situação política vivida na Europa e ao conflito armado que assolou o planeta, a que se seguiu a Guerra Fria e a reconstrução dos países causticados pela destruição bélica, surgiu a necessidade de se prospetivar o futuro, muito para responder a desafios levantados pelas exigências do planeamento militar. É, assim, que a Força Aérea dos EUA tenta antecipar o que os países do bloco de Leste poderiam fazer, para em conformidade gizar estratégias alternativas. A experiência adquirida nesse trabalho permitiu que anos 60, Herman Kahn, que fizera parte do grupo da Força Aérea, aperfeiçoasse a elaboração de cenários como ferramenta para uso comercial. Foi com assim com o contributo deste autor que divulgou as suas propostas com a publicação, em 1967, do livro *The Year 2000*, onde a palavra «cenários» foi introduzida na prospetiva, e com o contributo de Pierre Wack (membro da equipa de planeamento estratégico nos escritórios de Londres da Royal Dutch/Shell), que as tentativas de pensar metodicamente sobre o futuro através da elaboração de cenários atingiram no início da década de 70 uma nova